

O FESTIVAL VISTO DE FORA

## The show must go on

**V**olto ao Festival de Almada, mais um ano — mas este é um ano atípico. É o ano do vírus Covid-19, da incerteza e do medo. Que ironia, certo? O teatro, que é o lugar da máscara por excelência, põe a máscara ao espectador. Tudo é um pouco estranho, nada é normal — fingimos. Nos teatros vemos apenas olhares suspeitos e expectantes, indivíduos que marcam uma certa distância, e actores que fazem coisas impensáveis. Mas as pessoas, fiéis e pacientes, continuam a ir ao teatro. Que mistério extraordinário! Sim, *the show must go on*.

Este ano há 17 espectáculos, dos quais 14 são portugueses e três importados de outros países. Na minha opinião esta circunstância abre duas perspectivas: por um lado não há grandes espectáculos vindos do exterior, com novas e rejuvenescedoras expectativas; mas por outro trata-se de uma oportunidade única para descobrir e desfrutar do melhor da cena teatral portuguesa.

Ao longo dos anos tenho constatado que o Festival de Almada tem uma personalidade genuína e um humor diferente do resto dos festivais que conheço. É muito próximo na relação com todos, dando a sensação de integrar uma comunidade. E é óptimo viver com as pessoas da Companhia de Teatro de Almada, tão devotadas ao Festival, revelando o autêntico carácter português, tão aberto e empático, com aquela luz que é típica do seu clima.

Este amor pelas artes em geral e a deferência pelos artistas faz-me pensar que o Festival cumpre uma função soberba: a de ser um grande servidor público. Não vi isto em mais lado nenhum. Adoro vir aqui, e ainda mais neste ano sombrio.

**Joaquim Armengol Roura**  
crítico da *Proscenium*

ESTREIA

**LUÍS VICENTE, ACTOR DE *INSTRUÇÕES PARA ABOLIR O NATAL***

# “Ensaiámos online. Mas o teatro exige a presença em sala”

**A** encenadora Isabel dos Santos e os actores desta peça do canadiano Michael Mackenzie viram-se na contingência de ter de ensaiar estando ela no Canadá e eles em Faro. Esta supressão súbita dos processos naturais do teatro, ocorrida devido à pandemia, interferiu de modo drástico na construção deste objecto teatral que estreou ontem no Festival de Almada.

“Este espectáculo era para ter estreado este ano a 25 de Abril no Teatro Lethes [em Faro], mas fomos surpreendidos por esta pandemia e a encenadora [Isabel dos Santos, que vive em Montreal], que esteve a trabalhar connosco apenas durante uma semana e meia, teve de se ir embora, e fizemos o trabalho de ensaios *online* — nós no palco do Teatro Lethes e ela em casa com um computador. Ou então gravávamos e mandávamos-lhe o ficheiro do nosso ensaio, porque ela nem sempre podia estar à frente do computador à mesma hora que nós, devido aos diferentes fusos horários. Mas dirigir um espectáculo à distância, através de um computador, não é natural. Faltam aqueles momentos de exaltação, de confronto entre o encenador e os actores.”

“O teatro exibido em *streaming* também não me apela, falta a respiração da sala, a presença do público, a relação direc-



© Luana Santos



© Julie Artacho

Luís Vicente (actor)  
e Isabel dos Santos (encenadora)

ta, a energia que quem está em cena recebe da plateia. No teatro a presença do actor é substância, ao passo que no cinema o actor é mais objecto... Não por acaso se diz do teatro que é a mais humana das artes.”

“Nós já tínhamos traduzido a primeira versão deste texto, cujo tema central é a crise de 2007-2008. E depois o autor remeteu-nos para esta nova versão, em que ele introduziu também o Brexit. Sobre isto, a encenadora ainda trabalhou dramaturgica-

mente. É a segunda vez que trabalhamos com ela, e a segunda vez que ela nos traz um texto de Mackenzie, o primeiro foi *A baronesa e a porca*. O teatro da Isabel tem uma marca dela, que é sobretudo a da escolha dos temas. É uma pessoa que está atenta à contemporaneidade. Que faz um teatro que não é naturalista, que trabalha o simbolismo, mesmo se a matéria são elementos realistas. Há essa tensão em *Instruções para abolir o Natal*, basta ver que ele [Luís Vicente] se chama Jasão e ela [Sara Mendes Vicente] Cassandra.”

Sobre a escolha deste texto, Vicente contou que se trata de uma peça que se “inscreve totalmente na linha de trabalho” que a ACTA [A Companhia de Teatro do Algarve] tem vindo a trilhar. “O pano de fundo é o universo financeiro — uma das problemáticas da contemporaneidade que tem estado presente no nosso trabalho, quer o façamos com textos de hoje ou com clássicos. É um universo que parece desenvolver-se com uma grande lisura, mas que depois é outra coisa. A fazer este texto descobrimos por exemplo os mecanismos de financiamento da Oxfam [organização multinacional de combate à pobreza]. É um texto que tem uma linguagem específica, que explora a semântica financeira, e nisso tivemos de fazer um enorme trabalho de tradução, digamos assim”. S.A.

# A “força da palavra” de Jelinek

“**E**lfriede Jelinek é tão descontrolada, tão indisciplinada e tão livre, que parte em todas as direcções”. Foram estas as palavras que Nuno Carinhas escolheu para descrever o texto particularmente denso da autora austríaca, Nobel da Literatura em 2004. O encenador de *Viagem de Inverno* esteve ontem na Esplanada para um colóquio sobre esta peça, onde o tema privilegiado foi a complexidade de trabalhar um texto tão peculiar, em todas as vertentes que constroem o espectáculo. Rita Martins, que moderou a conversa, caracterizou o texto como uma “torrente de palavras” – palavras ásperas, que tratam dos temas com dinâmica, mas também com frieza. Um texto no qual “não há a ajuda tradicional do texto dramático”.

Nuno Carinhas explicou de que forma trabalharam esta peça: foi um processo de “cor-



Rita Martins e Nuno Carinhas

ta e cose”, fazendo e refazendo. “Jelinek é uma mulher de extensão de texto, tê-lo abreviado para uma confortável hora e meia seria uma traição enorme”. Resultou uma versão feita em conjunto, que beneficiou dos desejos e intuições das três atrizes, “muitíssimo empenhadas”. Para Carinhas, “os actores são artistas, são construtores” e

esta participação “é algo indispensável”.

O público destacou as representações possantes, que assumiam “quase um carácter de manifesto” e transportavam as metáforas explícitas do contexto austríaco para a nossa realidade, reflectindo a existência de um único sistema. **S.P.** com **S.A.**



Teresa Gafeira

## Um Festival que é “um oásis”

Talvez já se tenha cruzado com ele a caminho de algum espectáculo. Ainda este ano, poderá também vê-lo no cinema, a encarnar um dos heterónimos de Fernando Pessoa em *O ano da morte de Ricardo Reis*, o novo filme de João Botelho. Chico Díaz ainda não perdeu uma única peça desde que adquiriu a Assinatura do Festival. Diz que foi uma surpresa ver surgir o Festival de Almada, “em toda a sua plenitude, com uma curadoria muito interessante, quase singularmente portuguesa”. Enquanto



Chico Díaz

exilado cultural, confessa que é uma dádiva poder estar presente e aproximar-se “da palavra e da língua”, que pretende conhecer melhor, mas também da “irmandade que nos une”. Emocionou-se ao ver e ouvir Marcelo Rebelo de Sousa na Abertura do Festival, por demonstrar um gesto de apoio às artes pouco comum no panorama político do Brasil. Para Chico, tem sido uma alegria imensa ir todos os dias ao teatro. Descreve o Festival como “um oásis – um motivo de protecção, acolhimento e prazer estético”.

### FICHA TÉCNICA

**Direcção** Teresa Gafeira e Rodrigo Francisco | **Textos** Sarah Adamopoulos (edição) e Ana Sofia Pancada (estágio em comunicação editorial da cultura) | **Tradução** Sarah Adamopoulos e Rodrigo Francisco | **Fotografia** Luana Santos e Rui Carlos Mateus | **Paginação** Joana Azevedo e Rosa Castelo | **Apoio à produção editorial** Ana Patrícia Santos | 2020 © Edições de Comunicação do Festival de Almada

### AGENDA DE AMANHÃ

#### TEATRO

15:00

**Johan Padan a la descoberta de le Americhe**

Incrível Almadense

16:00

**Mártir**

Sala Experimental TMJB

18:00

**As artimanhas de Scapin**

Fórum Romeu Correia

21:00

**Future Lovers**

Sala Principal TMJB

21:30

**Instruções para abolir o Natal**

Academia Almadense

### RESTAURANTE NO TEATRO

HOJE

- Salada de feijão frade com atum
- Fusili com salsichas picantes e cogumelos

AMANHÃ

- Carapaus fritos com salada russa
- Frango à moda marroquina

